

NOVOBANCO REVELAÇÃO 2025

Helena Ramos:
A vida das abelhas



EXPOSIÇÃO **EXHIBITION**

A exposição, produzida pela Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, tem curadoria de Ricardo Nicolau e coordenação de Adriana Soares.

The exhibition, produced by the Serralves Foundation — Museum of Contemporary Art, is curated by Ricardo Nicolau and coordinated by Adriana Soares.

HELENA RAMOS

A vida das abelhas

*A vida das abelhas*¹ (1901) deverá ser hoje um dos títulos mais lidos e divulgados do dramaturgo, poeta e ensaísta belga Maurice Maeterlinck (Gante, 1862–Nice, 1949). Apesar de ter sido laureada com o Nobel da Literatura em 1911, a obra do autor de *Péleas et Mélisande* (1893) não tem, nos últimos anos, conseguido ultrapassar os muros da academia: nem o facto de a ela se dever uma proposta de reformulação da linguagem teatral particularmente relevante para a formação do teatro moderno,² ou continuar a ser imediatamente indicada como o principal expoente do teatro simbolista, tem conseguido impedir o seu gradual (mas, aparentemente, inelutável) desaparecimento das estantes de livrarias e casas.³ Curiosamente (ou não... Não nos interessamos sempre por aquilo que está prestes a desaparecer?), são pequenos livros dedicados ao estudo de pequenos seres — flores, abelhas, formigas e térmitas — que têm, ainda assim, garantido novos leitores ao nobelizado, porém esquecido, Maeterlinck.

Estes “livrinhos”, que combinam uma observação atenta e meticulosa do mundo natural (digna de um botânico ou naturalista)⁴ com palavras e formas de dizer intrinsecamente literárias (dignas de um prémio Nobel), denunciam uma visão profundamente humanista da natureza, em que esta é sempre uma metáfora sobre a sociedade humana (visão porventura anacrónica, hoje que não se admite que o homem seja a medida de todas as coisas).

Lembrei-me destes livros, nomeadamente de *A vida das abelhas* assim que comecei a olhar mais atentamente para o conjunto da curta mas prolífica obra de Helena Ramos (São Paulo, 1999), a vencedora da edição de 2025 do prémio novobanco Revelação. No trabalho da fotógrafa — que, além de registar os encontros de pequenas comunidades (festas, concertos), se interessa pelo mundo natural (plantas, mar) e edificado (a sua formação académica é em Arquitetura) —, reparei de imediato na forma como usa a fotografia como ferramenta para explorar e apresentar possibilidades de viver em conjunto, sempre através dos afetos (lembremo-nos da pluralidade de sentidos do verbo “afetar”).⁵

Não será a maioria das suas fotografias — aquelas em que regista momentos mais ou menos festivos (as tais festas e concertos, fins de festa e bastidores incluídos) — uma tradução de uma das frases que mais contribuem para fazer de *A vida das abelhas* uma metáfora da sociedade humana? Escreve Maurice Maeterlinck: “A abelha isolada, ainda que rodeada de víveres e na temperatura mais favorável, perece no fim de alguns dias — não de fome, nem de frio, mas de solidão.”⁶

Durante as muitas conversas que mantive com a artista, e que antecederam a conceção da exposição e a produção deste livro, pude perguntar-lhe (de forma mais ou menos retórica, já que podia adivinhar a resposta) se os modelos das suas fotografias eram estranhos, conhecidos ou amigos. “Amigos; na grande maioria são amigos”, respondeu-me. Como são amigas as modelos que protagonizam

as imagens da fanzine *Punk Office* (2022), que foi o primeiro trabalho que vi, e cujo impacto (positivo) no júri terá contribuído decisivamente para Helena Ramos ter sido a premiada de 2025 do novobanco Revelação. A amálgama entre afetos e afeção está mesmo, já lá vamos, no centro do trabalho da fotógrafa. Por agora, atenhamo-nos às referidas conversas Porto/São Paulo, que também foram servindo para trocar impressões sobre algumas imagens cuja inclusão no imenso lote selecionado pela artista para a exposição me parecia mais misteriosa (aquelas em que mais se afasta do registo da noite paulistana). Nessa seleção saturada de cor, na sua quase totalidade, destacavam-se imagens a preto e branco de esgrimistas. Sendo eu alguém que não teria muitas dúvidas na altura de responder à pergunta (sempre inconsequente, convenhamos) “Qual é o filme da tua vida?” — *O espírito da colmeia* (1973), claro —, não espanta que tenha visto nas máscaras de esgrimistas proteções de apicultores.

O espírito da colmeia é um filme de Víctor Erice (Carranza, Espanha, 1940) que torna estridente o silêncio pós-traumático de uma Espanha recém-saída da Guerra Civil de 1936–39 e do seu cortejo de atrocidades. Para sublinhar a incomunicabilidade entre os personagens, o realizador faz de um dos protagonistas um apicultor amador e filma-o enquanto cuida das colmeias ou faz dele mudo, incapaz de se relacionar com a vida lá fora, fechado num escritório com janelas cujos vidros se dividem em hexágonos (como favos de mel). Explico melhor: o facto de Erice se ter inspirado num livro que descreve e enaltece o sentido do coletivo, e de

apresentar variadas vezes imagens desses insetos, torna (por contraste) o isolamento e a mudez ainda mais agudos e angustiantes.

Depois de discutirmos o filme (é claro que, depois de visioná-lo, Helena Ramos me perguntou, genuinamente curiosa, porque era aquele o filme da minha vida), falámos (e aqui termina a longa vida das abelhas nas conversas que fomos mantendo) sobre uma divisão, ou idiossincrática taxinomia, que a artista portuguesa Isabel Carvalho (Porto, 1977) estabelece entre aquilo a que chama *artistas-aranha* e *artistas-abelha* — sendo os primeiros os que tudo retiram das suas entranhas (exatamente como a aranha, que retira da sua pança o fio com que urde as teias) e os segundos aqueles cujo trabalho se relaciona com outros (artistas, escritores, filósofos, etc.), se estrutura a partir de uma relação (as disseminadoras abelhas não voam de flor em flor?).⁷ Tanto falámos sobre abelhas que certo dia a artista me confessou que já via favos de mel nos hexágonos do soalho de uma das divisões de sua casa. As conversas sobre insetos terminaram aí. Neste texto, arrisco prolongar o bestiário mais um pouco. Seguindo a teoria de Isabel Carvalho, Helena Ramos será definitivamente uma *artista-abelha*. Não porque a presença de outros artistas (ou escritores, ou filósofos) seja conspícua, pelo contrário (à exceção de músicos,⁸ Helena Ramos nunca cita outros), mas porque o seu trabalho se estrutura em torno de relações. Acredito mesmo que esse interesse em registar ligações (evidente nas fotografias de festas e concertos) explicará a relevância atribuída pela fotógrafa aos

movimentos codificados da esgrima. É que as coreografias associadas a este desporto (que evoluiu de uma forma antiga de combate) podem ser vistas como uma metáfora da atividade de fotografar, e mais especificamente da sua própria prática. Começamos pela relação entre esgrima e fotografia: as duas estabelecem um regime particular de atenção, traduzido, no caso da primeira, pela expressão *En garde!* (usada na esgrima para indicar que os atletas devem assumir a posição de ataque e defesa inicial, preparando-se para o combate). Uma possível tradução para português será *A postos!* e, transportada para o universo da fotografia, poderá significar, para o fotógrafo, algo como estar atento e concentrado, pronto para ver e dar a ver algo irrepetível e, para o espectador, estar disponível (e igualmente atento) para descobrir. Agora, tentemos afunilar para a relação Helena-esgrima: no trabalho da fotógrafa vejo um perpétuo duelo com a alteridade — sendo que a palavra *duelo* não deve ter uma conotação estritamente belicista, ou apontar para inevitáveis vencedores e perdedores; *duelo* é, neste caso, uma forma de diálogo com o outro, no qual ação e reação se confundem. As decisões de Helena Ramos sobre o que e como fotografar partem de duas vontades: em primeiro lugar, deixar-se afetar e transmitir a intensidade que reconhece em determinados contextos, nomeadamente as festas e os concertos que frequenta com amigos em São Paulo (tradução da tal amálgama de afeção e afeto que referi antes). O interesse pelo registo das dinâmicas de determinadas microcomunidades — a artista parece pressenti-lo — amplia o número de

respostas a uma pergunta que é hoje, infelizmente, mais urgente do que quando serviu de mote à Bienal de São Paulo há quase duas décadas: “Como viver junto?”. Em segundo lugar, esbater hierarquias, e talvez inclusive fazer aquilo que Maurice Maeterlinck não podia operar no início do século xx: retirar o homem do centro do mundo. Como? Se o trabalho de Helena Ramos não se esgota no registo de determinada noite paulistana, interessa agora perceber o que há além disso, e de que forma esse excedente, nada supérfluo, se relaciona (e modifica a forma como ele é percecionado) com o trabalho pelo qual a fotógrafa é porventura mais conhecida.

Ricardo Nicolau

Excerto do catálogo da exposição,
novobanco Revelação 2025, Helena Ramos:
A vida das abelhas.

1. Maurice Maeterlinck, *A vida das abelhas*, São Paulo: Ed. Pensamento, 1947.
2. Conhecido como o dramaturgo dos andróides, Maeterlinck chegou a propor a substituição dos atores por marionetas, bonecos de cera e efeitos de luz e sombra.
3. Ver, a este propósito, *Da palavra ao silêncio: o teatro simbolista de Maurice Maeterlinck* (2006), tese de Lara Biasoli Moler apresentada no Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Francesa do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-08082007-155902/publico/TESE_LARA_BIASOLI_MOLER.pdf. Acedido em: 13 de julho de 2025.]
4. Para escrever *A vida das abelhas*, Maeterlinck observou durante um longo período (todo o ano apícola, ou seja, da primavera ao inverno) o comportamento das abelhas. Procurou compreender o formato hexagonal dos alvéolos de cera, a distribuição das tarefas entre as abelhas, o voo nupcial das rainhas, a forma como morrem, etc.
5. A expressão “Como viver junto” foi tema da 27.ª Bienal de São Paulo, apresentada entre 7 de outubro e 17 de dezembro de 2006. Com curadoria-geral da jornalista, crítica de arte, professora universitária e curadora brasileira Lisette Lagnado (Kinshasa, 1961), esta edição destacou-se pela extinção das representações nacionais em favor de uma seleção de artistas baseada em critérios curatoriais internacionais e pela ênfase na arte como linguagem transnacional. O tema, que se inspirou em seminários de Roland Barthes (Cherbourg, 1915–Paris, 1980), guiou a curadoria da edição de 2006, explorando questões sobre a convivência e a arte como elemento unificador. Sobre os seminários do semiólogo francês no Collège de France em 1976-77, ver Roland Barthes, *How to Live Together*, Nova Iorque: Columbia University Press, 2012. Esta obra, inspirada em seminários, não se foca em todas as formas de “viver junto”, mas sim em grupos muito restritos onde a coabitação não exclui a liberdade individual, focando-se na tensão entre proximidade e distância, conflito e igualdade, e na constituição de uma “comunidade de estranhos”, ou uma “comunidade de estrangeiros”. Uma das ideias centrais é a de que a coexistência não implica a anulação das diferenças, mas sim a aceitação de uma comunidade de indivíduos que se relacionam com as suas singularidades e conflitos inerentes, sem a necessidade de se tornarem iguais.
6. Ver Maurice Maeterlinck, p. 20.
7. Ver Ricardo Nicolau, “La vie secrète des araignées”, in Isabel Carvalho, *Langages tissés*, Albi e Lisboa: Centre d'art Le Lait e ATLAS, pp. 153–206.
8. Este livro integra um texto de Marina Schiesari em que, partindo da experiência de Helena Ramos enquanto fotógrafa de concertos, se explora a relação entre fotografia e música.

HELENA RAMOS

The Life of the Bee

The *Life of the Bee*¹ (1901) is probably one of the most widely read and best-known works by the Belgian playwright, poet and essayist Maurice Maeterlinck (Ghent, 1862–Nice, 1949). Although he was awarded the Nobel Prize for Literature in 1911, the work of the author of *Pelléas and Mélisande* (1893) has not succeeded in breaking through the walls of academia in recent years: neither his proposal for a reformulation of theatrical language that would prove to be particularly relevant to the development of modern theatre², nor the fact that he continues to be widely recognised as the main exponent of symbolist theatre, has prevented the gradual (but apparently inevitable) disappearance of his work from the shelves of bookshops and homes.³ Curiously (or not... Aren't we always interested in something that is about to disappear?), it is his small books dedicated to the study of small creatures — flowers, bees, ants and termites — that have drawn new readers to the Nobel Prize-winning, yet largely forgotten, Maeterlinck.

These 'small books', combining his careful and meticulous observation of the natural world (worthy of a botanist or naturalist)⁴ with intrinsically literary words and expressions (worthy of a Nobel Prize), reveal a deeply humanistic view of nature, serving as a metaphor for human society (a view that is perhaps anachronistic, now that it is no longer accepted that man is the measure of all things).

I remembered these books, particularly *The Life of the Bee*, as soon as I

started to examine the short but prolific work of Helena Ramos (São Paulo, 1999), winner of the 2025 *novobanco Revelação* award. As well as documenting the social gatherings in small communities (parties, concerts), this photographer is also interested in the natural world (plants, the sea) and the built environment (she has a degree in architecture). I immediately noticed the way she uses photography as a tool to explore and present possibilities for living together, always through our affect and affections (let us remember the many meanings of the word 'affect').⁵

Aren't most of her photographs — those in which she captures more or less festive moments (the aforementioned parties and concerts, including the ends of parties and backstage activities) — a translation of one of the quotes that most contribute to making the *Life of the Bee* a metaphor for human society? Maurice Maeterlinck writes: 'Isolate [the bee], and however abundant the food or favourable the temperature, she will expire in a few days not of hunger or cold, but of loneliness.'⁶

During the many conversations I had with the artist, prior to the conception of the exhibition and the production of this book, I asked her (more or less rhetorically, since I could already guess the answer) if the models in her photographs were strangers, acquaintances or friends. 'Friends; the vast majority are friends,' she replied. Just as the models who starred in the images of the fanzine *Punk Office* (2022), the first work of hers that I saw, were friends, and their (positive) impact on the jury will have contributed

decisively to her winning the 2025 *novobanco Revelação* award. The amalgamation of affect and affections is indeed at the heart of Helena Ramos' work. For now, let us stick to the aforementioned Porto/São Paulo conversations, in which we shared thoughts about some images whose inclusion among the photographs selected by the artist for the exhibition seemed more mysterious to me (those less concerned with documenting the São Paulo nightlife). In these pictures, almost all of which saturated in colour, it was the black-and-white images of fencers that stood out the most. As someone who would have no hesitation in answering the question (always inconsequential, if truth be told) 'What is the film of your life?' — *The Spirit of the Beehive* (1973), of course — it is not surprising that I saw beekeepers' protective masks in the masks that the fencers wore.

The Spirit of the Beehive is a film by Víctor Erice (Carranza, Spain, 1940) that highlights the post-traumatic silence of a Spain just emerging from the Civil War of 1936–39 and its trail of atrocities. To emphasise the lack of communication between the characters, the director makes one of the protagonists an amateur beekeeper and films him tending to the hives, portraying him as mute, unable to relate to life outside, locked in an office with windows whose panes are divided into hexagons (like honeycombs). Let me explain this better: the fact that Erice was inspired by a book that describes and extols the sense of community, and that he repeatedly shows images of these insects, makes the isolation

and muteness even more acute and distressing (by contrast).

After discussing the film (of course, after watching it, Helena Ramos had been genuinely curious about why it was the film of my life), we talked (and here ends the long life of bees in the conversations we had) about the distinction, or idiosyncratic taxonomy, that the Portuguese artist Isabel Carvalho (Porto, 1977) establishes between what she calls *spider-artists* and *bee-artists* — the former being those who draw everything from their guts (just like the spider, drawing the thread with which it spins its webs from its own abdomen) and the latter being those whose work relates to others (artists, writers, philosophers, etc.), structured around a relationship (don't bees spread pollen by flying from flower to flower?).⁷ We talked so much about bees that one day the artist confessed to me that she could already see honeycombs in the hexagons of the floor of one of the rooms in her house. The conversations about insects ended there. In this text, I venture to extend the bestiary a little further. Following Isabel Carvalho's theory, Helena Ramos is definitely a *bee-artist*. Not because the presence of other artists (or writers, or philosophers) is conspicuous, on the contrary (with the exception of musicians,⁸ Helena Ramos never mentions others), but because her work is structured around relationships. I truly believe that her interest in documenting connections (evident in her photographs of parties and concerts) explains the relevance attributed by the photographer to the codified movements of fencing.

The choreography associated with this sport (which evolved from an ancient form of combat) can be seen as a metaphor for the activity of photography, and more specifically for her own practice. Let us begin with the relationship between fencing and photography: both establish a particular regime of attention, translated, in the case of the former, by the expression *En garde!* One possible translation into English would be *Get ready!* and, transported to the world of photography, it could mean, for the photographer, something like being attentive and focused, ready to see and show something unrepeatable, and, for the viewer, being available (and equally attentive) to discover. Now, let's try to narrow it down to the Helena–fencing relationship: in the photographer's work, I see a perpetual duel with otherness — whereby the word *duel* should not have a strictly bellicose connotation, or point to inevitable winners and losers; a *duel* is, in this case, a form of dialogue with the other, in which action and reaction are intertwined. Helena Ramos' decisions about what and how to photograph stem from two desires: firstly, to allow herself to be affected and to convey the intensity she recognises in certain contexts, namely the parties and concerts that she attends with friends in São Paulo (a translation of the amalgam of affect and affections that I mentioned earlier). Her interest in documenting the dynamics of certain micro-communities (the artist seems to sense this) increases the number of answers to a question that is, unfortunately, more urgent today than when it served as the motto for the São Paulo Biennial almost two decades

ago: 'How to live together?' Secondly, to blur hierarchies, and perhaps even to do what Maurice Maeterlinck could not achieve at the beginning of the twentieth century: to remove man from the centre of the world. How? If Helena Ramos' work is not limited to the documenting of a particular night in São Paulo, it is interesting to consider what lies beyond that, and how this surplus, which is by no means superfluous, relates to the work for which the photographer is perhaps best known (and changes the way in which it is perceived).

Ricardo Nicolau

Excerpt from the exhibition catalogue, novobanco Revelação 2025, Helena Ramos: *A vida das abelhas*.

1. Maurice Maeterlinck, *A vida das abelhas*, São Paulo: Ed. Pensamento, 1947.

2. Declaring himself in favour of a 'theatre of androids', Maeterlinck even proposed replacing actors with puppets, wax figures, and light and shade effects.

3. See *Da palavra ao silêncio: o teatro simbolista de Maurice Maeterlinck* [From Word to Silence: the Symbolist Theatre of Maurice Maeterlinck], 2006, the PhD thesis submitted by Lara Biasoli Moler to the Postgraduate Programme in French Language and Literature of the Department of Modern Languages of the Faculty of Philosophy, Languages and Literature, and Human Sciences of the University of São Paulo, Brasil. Available at: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-08082007-155902/publico/TESE_LARA_BIASOLI_MOLER.pdf. Accessed on 13 July 2025.

4. In order to write *The Life of the Bee*, Maeterlinck observed the behaviour of bees over a long period (the entire beekeeping year, i.e. from spring to winter). He sought to understand the hexagonal shape of honeycomb cells, the distribution of tasks among bees, the nuptial flight of the queen bees, the way they die, etc.

5. The expression 'How to live together' was the theme of the 27th São Paulo Biennial, held between October 7 and December 17, 2006. Curated by the Brazilian journalist, art critic, university professor and curator Lisette Lagnado (Kinshasa, 1961), this edition of the event was notable for abandoning national representations in favour of selecting artists based on international curatorial criteria and emphasising art as a transnational language. The theme, inspired by seminars given by Roland Barthes (Cherbourg, 1915–Paris, 1980), guided the curatorship of the 2006 edition, exploring questions of living together and art as a unifying element. On the French semiologist's seminars at the Collège de France in 1976–77, see Roland Barthes, *How to Live Together*, New York: Columbia University Press, 2012. This work, inspired by his seminars, does not focus on all forms of 'living together', but rather on very restricted groups where cohabitation does not exclude individual freedom, focusing on the tension between proximity and distance, conflict and equality, and the formation of a 'community of strangers', or a 'community of foreigners'. One of the central ideas is that coexistence does not imply the elimination of differences, but rather the acceptance of a community of individuals who relate to one another with their inherent singularities and conflicts, without the need to become equal.

6. See Maurice Maeterlinck, p. 20.

7. See Ricardo Nicolau, "La vie secrète des araignées," in Isabel Carvalho, *Langages tissés*, Albi and Lisbon: Centre d'art Le Lait and ATLAS, pp. 153–206.

8. This book includes a text by Marina Schiesari in which the relationship between photography and music is explored, based on Helena Ramos' experience as a concert photographer.

SOBRE A ARTISTA

Helena Ramos (1999, São Paulo, Brasil) vive e trabalha onde nasceu, e desenvolve pesquisas nas áreas de fotografia, moda, arquitetura e design, transitando por diferentes linguagens e meios, tendo realizado diversos projetos nos campos imagéticos, gráficos e expositivos. Concluiu o curso de Arquitetura e Urbanismo na Escola da Cidade (2023).

Entre 2020 e 2022, realizou a iniciação científica intitulada *Arquitetura do vestir: Roupas como um projeto, Rio de Janeiro e Florença entre 1960 e 1970*, que combinava uma reflexão e pesquisa teórica com produção de vestuário e fotografias. Os seus textos orientados para o debate de temas relacionados com a disciplina foram publicados pelo Archdaily, pela *Paprika!* de Yale e pela revista de pesquisa da Escola da Cidade.

Em 2022, publicou o seu primeiro projeto impresso, *Punk Office*, finalista do Prêmio Lovely'21, da Imaginária_festa do fotolivro o #01, na categoria Fotozine.

Realizou a exposição *EnTre*, em parceria com Samuel Esteves, no Quase Espaço (2023). Participou na exposição coletiva *Sempre deixam a porta aberta* no espaço Pluma (2024). Coordenou cursos relacionados com o pensar e fazer imagem com Ivi Maiga Bugrimenko (2024–2025).

ABOUT THE ARTIST

Helena Ramos (1999, S. Paulo, Brazil) lives and works in the city where she was born, researching the areas of photography, fashion, architecture and design, and navigating different languages and media. She has developed several projects in the fields of image-making and graphics, held various exhibitions, and graduated in Architecture and Urbanism from the Escola da Cidade in S. Paulo (2023).

Between 2020 and 2022, she worked on *Architecture of Clothing: Clothes as a project, Rio de Janeiro and Florence between 1960 and 1970*, a combination of theoretical reflection and research with the production of garments and photographs. Her texts discussing themes relating to the discipline have been published by Archdaily, by Yale's *Paprika!*, and by the research magazine of the Escola da Cidade.

In 2022, she published her first project, *Punk Office*, which was a finalist for the award of the Lovely'21 Prize of Imaginária_festa do fotolivro #01, in the Fotozine category.

She held the exhibition *EnTre*, with Samuel Esteves, at Quase Espaço (2023), participated in the collective exhibition *Sempre deixam a porta aberta* at Pluma (2024), and coordinated courses on thinking and image-making with Ivi Maiga Bugrimenko (2024–2025).

VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias. Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h – 13h e 14h30 – 17h)

Minimum two-week advance booking is required.
For further information and booking, please contact
(Monday to Friday, 10 am – 1 pm and 2:30 pm – 5 pm)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt

Tel. (linha direta direct line): 226 156 546

Tel: 226 156 500

Chamadas para a rede fixa nacional. Calls to the national landline network.

Marcações online em Online booking at www.serralves.pt

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

loja.online@serralves.pt

www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

BAR

Onde pode fazer uma pausa, acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após a visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.

restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

INFORMAÇÕES E HORÁRIOS: INFORMATION AND OPENING HOURS:

www.serralves.pt/visitar-serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto — Portugal

serralves@serralves.pt

Linha geral General lines:

(+351) 808 200 543

(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede fixa nacional.

Calls to the national landline network.

www.serralves.pt

 [/fundacao_serralves](https://www.instagram.com/fundacao_serralves)

 [/fundacaoserralves](https://www.facebook.com/fundacaoserralves)

 [/fundacaoserralves](https://twitter.com/fundacaoserralves)

 [/serralves](https://www.youtube.com/serralves)

Apoio Institucional
Institutional Support

Mecenas do Prémio novobanco Revelação
Sponsor of the novobanco Revelação Award



CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

novobanco